



RESENHA

GENTILINI, JOÃO AUGUSTO. **Introdução à política e ao planejamento da educação sob a perspectiva estratégica**. Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar. Araraquara: FCL/UNESP, agosto de 2010.

MIZIARA, Leni Aparecida Souto¹
BEZERRA, Giovani Ferreira²
RIBEIRO, Ricardo³

João Augusto Gentilini - Doutor em Educação, docente do Departamento de Ciências da Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da FCL-UNESP-Araraquara. É coordenador do Grupo de Estudos sobre organizações educacionais, planejamento e gestão e do Laboratório de Política e Gestão da Educação.

No seu último texto, intitulado *Introdução à Política e ao Planejamento da Educação sob a Perspectiva estratégica*, o autor se propõe a discutir algumas teorias sobre o planejamento estratégico de sistemas sociais. *Para isso*, apresenta inicialmente um breve conceito sobre o planejamento, que, na sua concepção, pode ser definido, de forma sucinta, como uma estratégia organizadora da dinâmica social, política e econômica, adotada por diferentes governos para encaminhar racionalmente seus propósitos administrativos. Em seguida, Gentilini faz uma retrospectiva histórica, explicitando a emergência e o desenvolvimento da ação planejadora em diferentes países e contextos socioeconômicos e políticos.

Nessa retrospectiva, o autor situa a origem do pensamento planejador nas civilizações da Antiguidade, com destaque para o racionalismo grego, expresso n' *A Política* de Aristóteles e n' *A República* de Platão. Esses filósofos concebiam o planejamento como uma arte e uma habilidade tipicamente humanas, mas ainda não havia, em tal contexto, uma ciência do planejamento.

As bases teóricas dessa ciência começaram a se constituir no decorrer dos séculos XVII e XVIII, com a ocorrência da Revolução Intelectual e Científica e a Revolução Industrial respectivamente. Saint-Simon e Auguste Comte foram os primeiros teóricos a estabelecer um corpo teórico de conhecimentos para a ciência do planejamento, sendo que este último propôs uma base científica mais consistente para a humanidade planejar e resolver os seus problemas.

No século XIX, Marx entende o planejamento como uma estratégia para se enfrentar as contradições do sistema capitalista e promover a construção do socialismo, defendendo a

¹ Doutoranda em Educação Escolar na UNESP – Araraquara. Docente na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Coordenadora pedagógica na rede estadual de ensino de Mato Grosso do Sul.

² Mestre em Educação (UEMS). Professor Assistente na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), campus de Naviraí.

³ Professor Doutor da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Araraquara), sendo também vice-coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar e vice-chefe do Departamento de Ciências da Educação.



substituição do mercado pela planificação estatal. Já em sociedades capitalistas como os EUA, houve, de início, dúvidas se os governos poderiam deixar à vontade as forças econômicas e industriais, pois a falta de regulação poderia levar a conflitos sociais. A alternativa encontrada foi, então, articular uma proposta de planejamento capaz de promover uma conciliação entre os interesses públicos e privados.

A antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) representou a primeira grande experiência de planejamento em larga escala, sob a égide do governo, com vistas a eliminar as desigualdades sociais. Os resultados positivos dessa experiência no controle da economia motivou alguns países capitalistas europeus a adotarem, após a crise de 1929 e em fins da Segunda Guerra Mundial, prática semelhante, com o objetivo de prevenir a ocorrência de novas crises financeiras e garantir maior eficiência no processo de reconstrução de suas economias. A partir daí, o planejamento disseminou-se pelo mundo ocidental como uma ferramenta científica para garantir a racionalidade administrativa, utilizada por governos com diversas concepções políticas e ideológicas.

Entretanto, atualmente, em virtude do avanço da globalização e do pensamento neoliberal, que traz maior complexidade e incerteza às relações econômicas, o planejamento começa a ser questionado quanto à sua capacidade de prever e responder as demandas de uma economia mundializada, cada vez mais integrada e dinamizada pela tecnologia. Nesse aspecto, o autor lança uma provocação, questionando se o planejamento teria, de fato, deixado de ter eficácia ou, se na verdade, o problema não estaria nos modelos ainda utilizados, que não conseguem fazer uma leitura crítica da nova conjuntura social e política. Na tentativa de responder tais indagações, Gentilini busca [...] fazer uma discussão:

[...] sobre as possibilidades de se planejar em sistemas sociais – com especial atenção para os sistemas educacionais – expor algumas tendências de planejamento e suas relações com a política e os dilemas e desafios enfrentados pelos planejadores enquanto especialistas e intelectuais e atores políticos. (GENTILINI, 2010).

Além disso, também é objetivo do autor ampliar o debate acadêmico sobre a temática do planejamento estratégico e gestão educacional. Nesse sentido, ele indaga quais os limites de se planejar no âmbito educacional e se é possível transformar o sistema educacional por meio do planejamento. Mesmo destacando alguns limites desse processo, Gentilini está convicto de que os sistemas sociais são planejáveis, inclusive o subsistema educacional. Para ratificar seu posicionamento, recorre a três teóricos que abordam o assunto, apresentando perspectivas inovadoras e estratégicas para subsidiar a ação planejadora nesses sistemas. São eles: John Friedman, Carlos Matus e Mario Testa.

Friedman sublinha a validade da Razão Técnica sem, contudo, desconsiderar a relevância da Racionalidade Social para o planejamento, o que implica no reconhecimento, pelo Estado, dos interesses locais e regionais com vistas à transformação da sociedade. Já Carlos Matus incorpora o aspecto situacional ao conceito de planejamento estratégico, considerando a ação dos atores sociais sempre relacionada a uma determinada situação sociopolítica. Dessa forma, requer-se dos planejadores a capacidade de incorporar os vários atores e suas realidades na elaboração dos seus planos (cenários?). Testa, além de reconhecer as lutas sociais, afirma a necessidade de se compreender os métodos de planejamento de uma perspectiva histórica, a fim de assegurar maior coerência à ação planejadora.



A apresentação dos três teóricos é o clímax do texto, pois traz contribuições importantes para planejadores e gestores subsidiarem sua práxis. Nesse sentido, o autor cumpre o objetivo de expor algumas perspectivas e concepções acerca do planejamento estratégico. No entanto, a ênfase anunciada por Gentilini no que tange às possibilidades de se planejar em sistemas educacionais não aparece no texto de forma explícita, ficando a cargo do leitor estabelecer uma mediação entre os pressupostos do planejamento social para o sistema educacional, bem como realizar uma articulação mais ampla entre os diversos conceitos apresentados. Esperava-se que tais apontamentos fossem elencados nas considerações finais, que, entretanto, não foram oportunamente apresentadas pelo autor. Tal aspecto, longe de comprometer o alcance do texto, pode incitar o leitor a se fazer novos questionamentos diante do texto, a fim de organizar sua própria síntese.